

I ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA REÚNE PROFESSORES E ALUNOS NA UNESP-ASSIS

6

EVENTO REÚNE COMUNIDADE LGBTQTT, ACADÊMICA E ASSISENCE

8

MOSTRA DE FILME NA UNESP\ASSIS MOSTRA A RELEVÂNCIA DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR

10



# Nosso Câmpus

Informativo da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis

Ano X ed. 32 [julho de 2017]

## 65º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do estado de São Paulo

*Unesp-Assis sedia mais uma edição do seminário da mais antiga associação de linguística do país*

Allan Diego de Souza

No mês de julho, no período de 04 a 07, ocorreu o 65º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do estado de São Paulo (GEL). O Grupo de Estudos Linguísticos se caracteriza como a mais antiga associação de linguística, área de conhecimento do curso de Letras, do país e por promover seminários anuais (no interior e na capital do estado), com a intenção de compartilhar informação científica e o progresso da pesquisa linguística. Além disso, o Grupo é responsável por duas publicações: a [Revista Estudos Linguísticos](#) e a [Revista do GEL](#).



Mesa composta para a cerimônia de abertura do evento.

Foto: Hadassa Rodrigues

*Professora Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos, Professor Dr. Marco Antônio Domingues Sant'Anna, Professor Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann, Professora Dra. Catia Inês Negrão Berli de Andrade, Professora Dra. Luciane de Paula, Professor Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos e a Professora Dra. Cleide Antonia Rapucci.*



Grupo de Estudos Linguísticos  
do Estado de São Paulo

continua na pg. 04

# VIDA MATERIAL, PESQUISA MULTIDISCIPLINAR

**Profº Paulo Henrique Martinez** *Livre-Docente em História Ambiental pela Universidade Estadual Paulista (2010), Doutor em História Social (1999) e Graduado em História (1988) pela Universidade de São Paulo. Realizou programas de Pós-Doutorado no Museu Paulista da Universidade de São Paulo (2006) e na Universidade Federal de Minas Gerais (2013). Desde 2001 é professor no Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, da Universidade Estadual Paulista (UNESP). Exerce a função de Chefe do Departamento de História (2015-2017) e foi Vice Coordenador do Programa de Pós-Graduação História e Sociedade (2004-2007). Líder do Grupo de Pesquisa/CNPq Democracia e Desenvolvimento no Brasil (1850-2014). Tem desenvolvido experiência internacional em pesquisa e ensino junto a universidades, instituições culturais, grupos de trabalho, reuniões temáticas e profissionais de países da América Latina, Canadá, Espanha, Israel e Portugal e nas relações sul-sul de cooperação técnica e profissional. No âmbito institucional participa da Associação Nacional de História (ANPUH), do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e da Sociedade Latino-Americana e Caribenha de História Ambiental (SOLCHA). Publicou cerca de 250 textos em diferentes modalidades de produção bibliográfica e técnica. É colaborador regular em jornais, revistas, blogs e sites. (Texto informado pelo autor)*

A recuperação de móveis do período em que Juscelino Kubitschek ocupou a Presidência da República, na década de 1950, foi anunciada, em junho deste ano, como realização do governo Temer. Funcionalidade e beleza seriam as motivações dessa evocação do passado. Uma contradição aparente em um governo sabidamente ilegítimo e que reitera o passado social atribuindo-lhe sentidos de modernidade retórica e, agora, também estética. Mesas, cadeiras, escrivaninhas, projetadas pela equipe de Oscar Niemeyer quando da construção de Brasília serão exibidas e utilizadas em salas e gabinetes presidenciais. O simbolismo deste golpe, agora publicitário, é precisamente associar um governo caduco ao futuro da nação, invertendo a linha do tempo. JK anunciava o futuro. Sem futuro promissor, Temer anuncia o passado.

A atenção ao mobiliário, seu poder de comunicação social e simbologia política parece-nos elementar e corriqueira nos dias de hoje, caracterizado pelo irrestrito desenvolvimento do consumo de massa. Essa e outras percepções coletivas dos objetos recebem

estudos sistemáticos, no âmbito das ciências sociais, há pouco mais de um século. Desde o célebre estudo sociológico de A teoria da classe ociosa, de Thorstein Veblen, em 1904, passando pela crítica da estética da mercadoria, dos filósofos da Escola de Frankfurt, até a recente História dos quartos (2009), da historiadora Michelle Perrot.

Nos idos de 1950, ainda, o historiador francês Fernand Braudel aceitava a incumbência de redigir um livro sobre o passado das sociedades na época moderna, construindo um panorama sobre a Europa e demais regiões do globo antes da revolução industrial, entre os séculos XV e XVIII. A coleção “Destinos do Mundo” era dirigida por Lucien Febvre e pretendia abrir horizontes e expectativas frente os desafios na reconstrução das sociedades e das economias, para além do cenário de destruição e das experiências traumáticas das duas grandes guerras na primeira metade do século XX. Febvre concebera uma coleção que deveria apresentar as recentes perspectivas do conhecimento histórico, econômico e cultural. O exame das mudanças e das perma-

nências na vida social e econômica estava no cerne das investigações que a historiografia francesa promovia nas páginas da revista *Annales*, editada desde 1929.

Braudel ficou encarregado da elaboração do referido volume sobre a história econômica. O livro seria publicado em conformidade com o perfil solicitado, abordando épocas passadas, distintos territórios e sociedades, reunindo ampla documentação, dados, informações, análises e interpretações originais sobre as atividades econô-

micas pré-industriais e a sua história. Febvre, falecido em 1956, não conheceu o livro.

Ele foi publicado somente onze anos depois, em 1967, quando Braudel concluiu o texto – *Civilização material e capitalismo* (séculos XV – XVIII) – e anunciou a elaboração do segundo volume. Na obra o autor retomou e modificou conteúdos e análises desenvolvidas ao longo de cursos que ministrou no Collège de France, entre 1954 e 1962: “O capitalismo Moderno”, “A França no século XVI”, “A economia do século XVIII”, “A vida material do século XVI ao XVIII”.

Em 1979, houve a publicação, não de um, mas de dois novos volumes que completavam o primeiro, reeditado com pequenas alterações, compondo a trilogia *Civilização material, economia e capitalismo* (séculos XV-XVIII). Estava finalizada a encomenda que Lucien Febvre realizara no longínquo ano de 1952.

Esta digressão era incontornável para a compreensão do significado que adquiriu, desde então, o estudo largamente desenvolvido sobre a vida material das sociedades humanas. Em artigos publicados em 1961

## Expediente

**Reitor:** Sandro Roberto Valentini

**Diretora:** Andrea Lucia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi

**Vice-Diretora:** Catia Inês Negrão Berli de Andrade

**Coordenação:** Cláudia Valéria Penavel Binato

**Professor colaborador:** Alessandro Jocelito Beccari

**Edição:** Equipe do JNC

**Científico:** Paulo Henrique Martinez

**Textos e Reportagens:** Allan Diego de Souza, Gabriel Alves Bezerra, Wellington Augusto Soares

**Revisão:** Cláudia Binato

**Diagramação:** Allan Diego de Souza

**Cartunista:** Lucas Bento (Bentinho)

**Autoral:** Gaia de Melos Caversan

**Colaboração Técnica:** Lucas Lutti e Staepe - Seção Técnica de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão

*Esta é uma publicação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Núcleo Integrado de Comunicação. Comentários, dúvidas ou sugestões ou envio de material autoral, textos\desenhos para publicação, entre em contato pelo e-mail: [jornaldaunesp@gmail.com](mailto:jornaldaunesp@gmail.com)*

Braudel pretendia expandir o debate e identificar campos de estudo compreendidos na denominada vida material, abrangendo segmentos diversos, mas aproximados, como alimentação, habitação, vestuário, níveis de vida, técnicas e dados biológicos. Braudel parecia desdobrar a resposta enunciada, em 1944, quando interrogava a obra do geógrafo Max Sorre: “Há uma geografia do indivíduo biológico?”.

O volume de 1967 trouxe os capítulos organizados segundo aquelas temáticas e incorporava as moedas e as cidades como meios e espaços de trocas. Entre os artigos de 1961 – “Vida material e comportamentos biológicos” e “História da vida material” – e a publicação de *Civilização material e Capitalismo*, a economia que era destaque no volume da *Coleção “Destinos do Mundo”* recobrou o seu lugar. Não abordou apenas a rotina e os hábitos reiterados de vida, as “estruturas do cotidiano”, como saúde, alimentação e trabalho. Também o cálculo e a atenção deliberados, individual e coletivamente, que se ensaiam nas trocas elementares do dia a dia, foram enlaçados na dinâmica da economia de mercado e do capitalismo. Moedas e cidades, instrumentos e resultados da passagem desta dimensão da vida social e econômica – a vida material – para outras que a complementam e integram, a vida eco-

nômica propriamente dita. Esta dimensão foi examinada nos dois volumes seguintes da trilogia.

Ao cindir o estudo da história econômica em dois patamares – o da vida material e o da vida econômica – sob a inspiração do sociólogo Georges Gurvitch, desdobrando a segunda em estudo sobre o “capitalismo”, os negócios de amplo alcance territorial e de lucros, Braudel apontava para temas que animariam a historiografia francesa e novas gerações de profissionais, entre 1970 e 1990, com os problemas, objetos e abordagens da chamada Nova História.

A expressão vida material guardaria essa generalidade e comodismo de origem. Não se converteu em conceito operacional. Manteve-se, antes, como a designação de um amplo espectro de temas de interesse e de complexidade para diferentes disciplinas e áreas do conhecimento, não apenas da história, mas também da antropologia, economia, sociologia, linguística, medicina, literatura, botânica, geografia, entre outras. A vida material constituiu-se em campo multidisciplinar de pesquisa e de educação formal e não formal.

A trajetória analítica e investigativa da vida material no âmbito da história e demais campos do conhecimento, após a II Guerra Mundial, respondeu aos estímulos sociais e culturais do último meio século. Os 25 anos

dourados do desenvolvimento capitalista, alimentados pela reconstrução das economias europeias e a japonesa, as doutrinas de nacionalismo econômico na América Latina e na África, a pujança da indústria de consumo de massa, irradiadas a partir dos EUA, marcaram a segunda metade do século XX sob o signo do materialismo. No mesmo período, a industrialização acelerada, a retórica ideológica e filosófica do comunismo soviético revestiram de fundamentos materialistas os sentidos da vida humana.

No plano da cultura, a partir de 1946, a criação da Organização das

Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e do Conselho Internacional de Museus (ICOM), mobilizava governos, instituições e profissionais na valorização e na cooperação pela preservação e a difusão dos acervos e bens culturais, alçando para a escala mundial um vasto campo de atuação técnica, administrativa e intelectual. As políticas públicas de patrimônio cultural e natural, desde então, não deixaram de se expandir. A recuperação, a restauração e a preservação de obras de arte, paisagens urbanas, sítios arqueológicos, áreas naturais e expressões culturais ganharam evidência,

orçamentos, estudos e publicidade.

A crescente presença dos bens materiais na vida cotidiana ampliou as possibilidades de conhecer o passado pelo recurso ao método regressivo de observação e de comparação entre diferentes épocas, espaços e culturas. A surpreendente ancestralidade e longevidade de hábitos, técnicas, utensílios, materiais, cultivos, comportamentos e vulnerabilidades, individuais e coletivas, inspirou Braudel a conferir-lhes, pela extensão e perenidade, estatuto de civilizações. Resulta daí o emprego que fez, indistintamente, das expressões vida e civilização material.



# 65º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do estado de São Paulo

*Unesp-Assis sedia mais uma edição do seminário da mais antiga associação de linguística do país*

Allan Diego de Souza



Professora Dra. Maria da Penha Casado Alves

No mês de julho, no período de 04 a 07, ocorreu o 65º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos do estado de São Paulo (GEL). O Grupo de Estudos Linguísticos se caracteriza como a mais antiga associação de linguística, área de conhecimento do curso de Letras, do país e por promover seminários anuais (no interior e na capital do estado), com a intenção de compartilhar informação científica e o progresso da pesquisa linguística. Além disso, o Grupo é responsável por duas publicações: a Revista Estudos Linguísticos ([inserir o link](#)) e a Revista do GEL ([inserir o link](#)).

O evento ocorreu nas dependências da Unesp-Assis, sob a gestão da professora do

curso de Letras da instituição, Dr<sup>a</sup> Luciane de Paula, atual presidenta da direção do GEL. Junto da vice-presidenta Dra. Lúcia Regiane Lopes-Damásio, a secretária sendo a Dra. Rozana Aparecida Lopes Mesias e a tesoureira Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos.

Enquanto aluno de graduação em Letras dessa unidade, reconheço o quão importante é o evento para a contribuição do ensino de linguística para a formação do discente. O evento reuniu vários nomes importantes da área, como o professor Dr. Roger Chatier e o professor Dr. Marcos Bagno, autor do livro “Preconceito Linguístico”, que já se encontra em sua 52ª edição. Ter a oportunidade de ver um evento dessa

grandeza, um evento dessa

grandeza. A programação do evento deu início no dia 04 de julho, com os minicursos ocorrendo pela manhã e tarde. Os minicursos, contaram com a presença de nomes conhecidos, como o professor Antonio Vicente Seraphim Pietroforte, com o minicurso “A Semiótica aplicada ao estudo da Poesia Brasileira Contemporânea”, que, dentre seus objetivos, buscou discutir alguns paradigmas que fazem parte da formação da Literatura Brasileira Contemporânea.

A cerimônia de abertura aconteceu no período da noite do mesmo dia. Para compor a mesa tivemos a presença da Vice-diretora e Dr<sup>a</sup> Ca-

tia Inês Negrão Berlini de Andrade, a atual presidenta do GEL. Dra. Luciane de Paula, o chefe do Departamento de Linguística Dr. Marco Antônio Domingues Sant’Anna, o chefe do Departamento de Literatura o Dr. Fabiano Rodrigo da Silva Santos, a vice-chefe do Departamento de Educação Dra. Karin Adriane Henschel Pobbe Ramos, a chefe do Departamento de Letras Modernas Dra. Cleide Antonia Rapucci e o atual vice-coordenador do curso de Letras Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann.

No segundo dia ocorreram simpósios pela manhã e tarde, comunicações no período da tarde e três mesas redondas, uma delas com



Professor Dr. Roger Chatier e Professora Dra. Luciane de Paula

a presença do professor Dr. Marco Antonio Villarta-Neder (UFLa), com o título “Práticas de refração, refrações de uma prática: gêneros discursivos e suas leituras textuais”. Coordenada pela professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) Dr.<sup>a</sup> Maria da Penha Casado Alves, a mesa intitulada “Descolecionando gêneros em práticas leitoras para além do cânone” discutiu a prática da leitura e sua relação com a escola, família e religião.

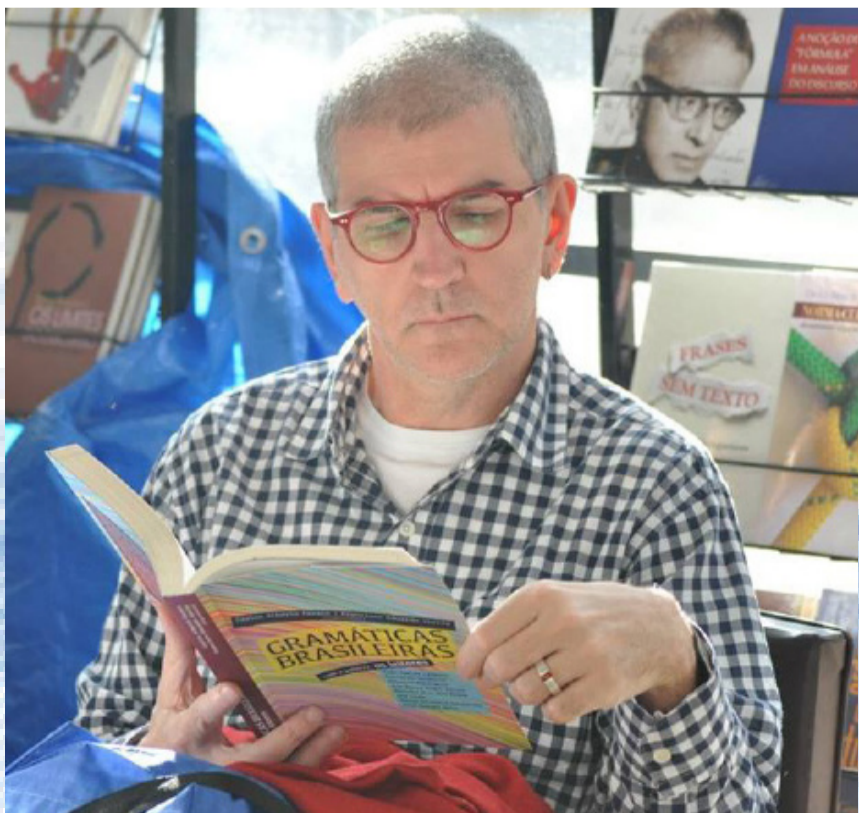
O terceiro dia do evento se inicia com o seguimento das comunicações, conferências e mesas redondas, dentre elas a mesa intitulada “Linguagens Queer: aproximações possíveis?”, com a presença do Dr. Rodrigo Borba falando sobre “Discursos transviados: apropriações e provocações necessárias para uma linguística queer” e a Dra. Elizabeth Sara Lewis com “Do “léxico gay” à Linguística Queer: destabilizando a norma homossexual oculta nas Teorias Que-

er”.

A programação do terceiro dia se encerra com as apresentações de painéis, realizado com as pesquisas de alunos de graduação do curso de Letras da Unesp-Assis e outras instituições.

O quarto e último dia do evento, contou com simpósios, comunicações e conferências e, dentre elas, a conferência ministrada professor Dr. Alcides Cardoso dos Santos (Unesp-Araquara) com o título “Derrida e a Linguística Estrutural - uma leitura do capítulo 1 de Gramatologia”.

No período da noite, houve a apresentação musical do grupo Goujou Wadaiko, projeto da colônia japonesa da cidade de Assis, junto da cerimônia de encerramento, em que a presidência agradeceu a presença e participação dos presente anunciou a nova gestão do GEL e o local da próxima edição do seminário, que ocorrerá no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Ibilce/Unesp – de São José do Rio Preto.



Professor Dr. Marcos Bagno



# I ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA REÚNE PROFESSORES E ALUNOS NA UNESP-ASSIS

*Material didático, futuro do professor de História e temática indígena são alguns dos temas discutidos no evento*

## Gabriel Alves Bezerra

Quem define qual história será ensinada para os estudantes? Foi essa pergunta que se buscou responder durante o Primeiro Encontro de Formação de Professores e Pesquisadores do Ensino de História, ocorrido nos últimos dias do mês de junho (29 e 30), nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. O evento contou com a participação de professores e alunos da Unesp-Assis, dentre outras instituições, e professores da rede pública de educação.

Para abrir o evento, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marlene Cainelli, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), deu uma conferência sobre “O Programa Nacional do Livro Didático de História (PNLD-História)” em que explicou o processo de escolha,

feito pelo Ministério da Educação, do material didático a ser impresso e distribuído para as escolas. A professora Marlene Cainelli mostrou que a história do Brasil tem muitos olhares e, num dado momento, levou todos a se perguntarem: “Quem define qual história deve ser contada nos livros didáticos?”, com base em diferentes visões sobre o período da ditadura militar brasileira contidas nos cadernos de história.

Durante a tarde, houve apresentação de pesquisas e trabalhos realizados por professores atuantes na rede pública de educação, discentes do curso de história da Unesp-Assis e professores da mesma instituição. Todos os trabalhos realizados foram ao encontro do tema do

evento: formação de professores e pesquisadores de história.

Para finalizar o primeiro dia do Encontro, a conferência “A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de História” ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Katia Maria Abud, da Universidade de São Paulo (USP), também problematizou o processo de elaboração do livro didático de história e os métodos de escolha feitos pelo Ministério da Educação do caderno a ser impresso.

Para começar o último dia, a mesa “Políticas Públicas no Ensino de História”, mediada pelo Prof. Dr. Ronaldo Cardoso Alves (Unesp-Assis) contou com a participação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Márcia Elisa Teté Ramos, da Universidade Estadual de Maringá (UEM) e da Universidade Estadual de Londrina (UEL), e pelos professores doutores

do curso de história da Unesp-Assis Lúcia Helena Oliveira Silva e Alonso Bezerra de Carvalho. Foram tratados diversos temas como a higienização de termos como “golpe”, por exemplo, nos livros didáticos, a falta de diversidade de apresentação dos grupos brasileiros e necessidade de um diálogo entre escola e universidade para discussão sobre a atuação do professor de História.

E para encerrar o evento, realizou-se a mesa redonda sobre “Ensino de História, Formação de Professores e Transversalidade”, composta pelo Dr. João Rafael Moraes de Oliveira e pelas doutorandas Cassia Natanie Peguim, Maria Cristina Floriano Bigeli e Ellen Nicolau. O Laboratório de História e Meio Ambiente

(Labhima), que tem por objetivo vincular o meio ambiente com o ensino de História e outras áreas de formação de professores do ensino básico e superior, foi apresentado nessa mesa e foi amplamente discutido um trabalho em gestão entre o poder público e a rede municipal de ensino. Além disso, a doutoranda Maria Cristina Floriano Bigeli lançou luz sobre o tratamento da temática indígena nos materiais didáticos e como a história indígena está – ou deveria estar – presente nas falas dos docentes.

O Primeiro Encontro de Formação de Professores e Pesquisadores de História mostrou a diversidade da história brasileira e o poder transformador na vida de um aluno. Que tenha o Segundo Encontro, Terceiro, Quarto...



# RODA DE CONVERSA REÚNE PROFISSIONAIS DA REDE PÚBLICA DE SAÚDE, ALUNOS E PROFESSORES DA UNESP-ASSIS

*Articulação entre universidade e saúde coletiva é a principal estratégia para consolidação de um sistema público de qualidade*

**Gabriel Alves Bezerra**

Na manhã do dia 20 de julho, nas dependências da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, ocorreu a roda de conversa com o tema “Saúde Coletiva e Seus Enfrentamentos Políticos, Econômicos e Sociais”. Para compor a mesa de debates, foram convidadas Mayara Freire, psicóloga representante do Conselho Regional de Psicologia (CRP); Cátia Auxiliadora Ribeiro, agente comunitária de saúde da Estratégia da Saúde da Família do bairro Vila Progresso e atual presidente do Conselho Municipal de Saúde; e Luciana Gomes de Souza, coordenadora de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Assis. Nessa roda de conversa estiveram presentes alunos e professores do curso de Psicologia da Unesp-Assis, além de profissionais da rede pública de Assis, Ourinhos e Paraguaçu Paulista.

Protagonizada por mulheres, a mesa de debates percorreu temáticas ligadas às práticas de profissionais que atuam no campo da saúde pública e seus enfrentamentos, além de refletir sobre o cená-

rio político e econômico em suas diversas escalas (municipal, estadual, federal e comunitária). Em sua fala, Cátia Auxiliadora Ribeiro lançou luz sobre um processo de prevenção da saúde, e não somente de cuidado imediato. Também falou da importância do vínculo entre a universidade e a saúde coletiva na cidade de Assis.

Dando continuidade à roda de conversa, Mayara Freire discorreu sobre a possibilidade de pensar a área da Psicologia enquanto ciência e profissão, e alertou todos os presentes quanto

à prática do psicólogo para que “não se criem novas práticas que sejam resquícios das práticas manicomial”, ao discorrer sobre uma visão patologizante dos usuários dos serviços de saúde pública.

Por fim, a coordenadora de Saúde Mental Luciana Gomes de Souza falou da saúde como um direito de toda a população brasileira e dever do Estado como responsável pelo processo de promoção, financiamento e gestão de saúde ao proporcionar serviços úteis, eficazes

e de qualidade.

Posteriormente, todos os presentes tiveram a oportunidade para falar de suas experiências no campo da saúde coletiva, suas percepções dos fatores que potencializam a precarização dos serviços oferecidos e a desarticulação entre a universidade e as instituições de saúde pública.

E, para finalizar a roda de conversa, foi reservado um espaço para alunos de Psicologia para apresentação de intervenções artísticas e relatos referentes às experiências dos discentes nos estabelecimentos da rede

pública de saúde.

Desde que o Sistema Único de Saúde foi instituído em 1990, em um cenário de transformações de ordem política no Brasil, os profissionais do campo da Saúde Pública enfrentam desafios para implantar práticas relativas às diretrizes desse sistema universal de saúde. A roda de conversa entre discentes, profissionais, gestoras e conselheiras municipais da área da Saúde, mostrou a necessidade de enfrentar juntos os desafios da saúde coletiva.



# EVENTO REÚNE COMUNIDADE LGBTTT, ACADÊMICA E ASSISENSE

*Protagonizado por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, seminário reúne grande número de participantes*

Gabriel Alves Bezerra



Entre os anos de 2011 e 2014 foram registradas mais de 7600 denúncias de violação contra a população composta por Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT-TT), de acordo com dados da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Em 2016, foram contabilizados 232 casos de Travestis e Transexuais violentados, equivalentes a mais de

20% do total de denúncias feitas junto a Ouvidoria Nacional e ao Disque Diretos Humanos (Disque 100), sem calcular os casos nos quais as vítimas não denunciam. Discriminação e violência psicológica são os principais motivos das denúncias.

Esses são alguns motivos que justificam o "Terceiro Seminário: Paremos a Transfobia" realizado nos dias 12 e 13 de julho na Unesp-Assis, com apoio da

Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) e o grupo de pesquisa de Psicologia e Cultura Queer (PsiCUqueer) e, também por estagiários e professores do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Participaram do evento alunos da Unesp, entre outras instituições de ensino de Assis, professores, comunidade de Assis e região.

No primeiro dia

houve a mesa de diálogos entre pesquisadores do grupo PsiCUqueer: Danielly Mezzari, Fábio Morelli, Juliana Bessa e Bruno Pereira. Ministrada pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Danielle Barreto, coordenadora do curso de Psicologia da Unipar/Umuarama, a mesa com o tema "Dissertações Transviadas" apresentou trabalhos realizados dos pesquisadores de mestrado e doutorado que tem o público LGBTTT como alvo de suas pes-

quisas.

No período da tarde, organizados pelo Projeto Cinema Universitário (CineC.U.), foi exposto o filme "Meu nome é Jaqueline" e, posteriormente, debatido com a ativista trans Lorena França, os doutorandos Clarck Melindre e Rogério Melo e o mestrando Herbert Proença, juntamente dos participantes do evento.

Pela noite, ocorreu a Mesa de Abertura do Seminário em que docentes do Departamento de Psicologia Clínica e do Departamento de Psicologia Social e Educacional falaram sobre cidadania e os direitos da comunidade LGBTTT.

Depois, um dos organizadores do evento, prof.<sup>o</sup> e Dr. William Siqueira Peres foi coor-





denador da conferência intitulada “Travestilidades e Transexualidades e seus marcadores sociais de estigmas: Paremos a Transfobia”, ministrada pela ativista e docente da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Dr.<sup>a</sup> Travesti Megg Rayara. Nesse momento, a Dr.<sup>a</sup> Megg Rayara apresentou seu projeto de pesquisa durante sua pós-graduação e contou o penoso caminho que percor-

reu, por ser travesti, à conquista de seu título de mestre e doutora.

E para finalizar o primeiro dia de evento, foi apresentado o espetáculo teatral “GrazyEllas”, dirigido por Luam Almeida Sales e contracenado pela atriz e travesti Mel Campus.

Dando continuidade ao evento, Indianara Siqueira, Mel Campus e Gabrielly Spanic - todas ativistas sociais -, formaram a mesa de

diálogos “Pessoas Trans e o mercado de trabalho: resistências de vida”, que teve coordenação do professor e doutor da Unesp-Assis, Fernando Teixeira Filho.

Por fim, a última mesa do evento com o tema “Raça, gênero e perspectivas feministas nos movimentos sociais” foi composta pela Janaína Lima, atual superintendente adjunta da coordenação de diversidades do município

de São Paulo; pela Luana Hansem, ativista do movimento lésbico; e pelo diretor do Instituto Brasileiro de Transmasculinidades, Lam Mattos. Nesse momento, foram compartilhadas experiências de vida dos participantes e suas colaborações com o movimento de ativismo social para/com a comunidade LGBTTT.

Mesas redondas, conferências, cinema e teatro compuseram a

programação do “Terceiro Seminário: Paremos a Transfobia”. Um espaço de diálogo com troca de experiências e informações foi criado nestes dois dias de evento, lançando luz sobre movimentos sociais, políticos e culturais acerca da comunidade LGBTTT.

Continuemos a luta, Paremos a Transfobia!

“ *A travesti não anda em linha reta, ela dobra, contorna, vira, mas o importante é que ela chega! é assim que vivemos, fora da linha reta, descobrindo outros caminhos de chegar em nossos objetivos.* ”

*Megg Rayara*



# MOSTRA DE FILME NA UNESP\ASSIS MOSTRA A RELEVÂNCIA DA PSICOLOGIA NO CONTEXTO HOSPITALAR

*Professora e estagiários relacionam filme à atuação do psicólogo no atendimento de pacientes internados*

**Gabriel Alves Bezerra**

“Qual é o desejo de um paciente internado?”. É essa pergunta que os participantes da “Primeira Mostra de Filmes: Psicologia no Contexto Hospitalar” se fizeram ao participar do evento. A Mostra foi realizada na última terça (04) e organizada pela professora Dr<sup>a</sup> Mary Yoko Okamoto, docente do Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Mostrou-se o filme “O Escafandro e a Borboleta” e, posteriormente, reuniram-se os presentes para uma discussão sobre a atuação do psicólogo no contexto hospitalar.

Para essa discussão, foram chamados os graduandos do quinto ano do curso de psicologia da Unesp/Assis: Dirceu Duarte, estagiário do Hospital Regional de Assis, e Lara Cruvinel Barbosa, estagiária da Santa Casa de Misericórdia de Assis. Ambos, como estagiários dessas unidades de saúde, compartilharam suas experiências, relacionando-as com o filme assistido.

O filme conta a história de um renomado editor de revista, que, após sofrer um derrame cerebral, descobriu outra forma de comunicar-se, recorrendo ao piscar de olhos, para mostrar

seus sentimentos e desejos. Diante disso, a psicóloga Mary Yoko Okamoto apontou os avanços da medicina no esforço de prolongar a vida humana. E, tomando como exemplo a condição do personagem do filme, pôs a questão: “Como é viver esta vida?”.

Em seguida, a discente Lara Cruvinel Barbosa, ao relatar suas experiências como estagiária, falou sobre o desejo do paciente internado, que muitas vezes não é levado em consideração, e observou “todo paciente hospitalizado tem muito a dizer e cabe ao hospital, à equipe multidisciplinar, ouvir com atenção o que o paciente tem a dizer, refletindo o quão é isso importante para o seu tratamento e recuperação”. Vale, e muito, destacar a atuação do profissional junto ao doente e a maneira de relacionar-se com ele.

Na sequência, o estagiário Dirceu Duarte expôs sobre a importância do vínculo entre paciente e cuidadores no processo de diminuição do sofrimento. “Muitas vezes, basta dar ao paciente a possibilidade de se manifestar, de se co-

municar, de fazer perguntas”, disse o aluno de psicologia sobre o papel do psicólogo.

Por fim, os palestrantes abriram espaço para a apresentação de dúvidas, para perguntas e observações. Então o Jornal Nosso Campus perguntou sobre a parceria Faculdade

de Ciências e Letras de Assis com as unidades de saúde em que os estagiários realizam suas atividades. A seguir, a coordenadora do estágio Mary Yoko Okamoto explicou que anualmente apresenta o projeto para o Hospital Regional de Assis

e a Santa Casa de Misericórdia de Assis e discute com os responsáveis sobre a participação dos estagiários. A parceria é renovada há três anos em razão dos bons resultados obtidos pelos estagiários movidos pela pergunta que inicia este texto.



# PROJETO PRESERVA A HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE LITERATURA

**Welliton Augusto Soares**

Criado em 02/01/2017, sob a coordenação da Profa. Rosane Gazolla Alves Feitosa, e participação efetiva do discente Welliton Augusto Soares, o projeto tem o objetivo de facilitar o acesso à memória do Departamento de Literatura.

Intitulado “Memória da UNESP – Docentes - Publicações: Prof. Fernando Mendonça no Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo* (1963-72)”, o projeto busca resgatar e divulgar as publicações do docente português (1918-2002), no período de 1963 a 1972, elaborar uma coletânea com os textos integrais digitalizados, disponibilizando-os no *site* do Cedap, assim como integrá-los com a comunidade externa, alunos e professores da EE. “Prof. Ernani Rodrigues”.

O intelectual Fernando Manuel de Men-

donça chegou ao Brasil, em 1962, para ser professor junto ao Departamento de Letras Vernáculas da primeira Faculdade de Letras do interior do estado de São Paulo, a FAFIA, atual Faculdade de Ciências e Letras de Assis/UNESP. Trouxe novos ares da Literatura Portuguesa contemporânea, com o vigor e a perspicácia crítica herdados do professor responsável pela nova direção dada aos estudos portugueses no Brasil, Fidelino de Figueiredo (1888-1867), e pelo seu continuador, Prof. Antonio Soares Amora, primeiro diretor da FAFIA, de quem Mendonça se declarava admirador.

O professor Mendonça desempenhou um papel importante na formação de professores do ensino superior do interior paulista, na produção crítica e na divulgação da produção in-

telectual da área de Literatura Portuguesa da atual FCLAssis. Possui diversos livros publicados acerca das letras portuguesas. Exerceu a crítica literária na revista *Colóquio/Letras* da Fundação Calouste Gulbenkian, de Lisboa, e no *Suplemento Literário* de “O Estado de São Paulo”.

O *Suplemento Literário*, pilar basilar do projeto, foi idealizado por Antonio Candido de Mello e Souza, em 1956, e dirigido durante dez anos por Décio de Almeida Prado; visava a publicação independente, artística e literária, até o fim, em 1974, pós-ditadura militar e transformações tecnológicas. O *Suplemento* tornou-se um espaço de reflexão intelectual e de divulgação de autores novos e consagrados, uma espécie de revista flexível que chegasse tanto ao leitor médio quanto ao leitor de nível elevado, um espaço que permitisse a variação de

nomes e temas. Em sua parte fixa, foi composto de oito seções que possibilitassem a criação de hábitos literários e que colocassem o leitor em contato com o pensamento literário. Fernando Manuel de Mendonça enriqueceu as páginas do *Suplemento*, durante o período de 1963 a 1972, colaborando na seção *Letras Estrangeiras*, mormente ao exercício da crítica literária na subseção *Literatura Portuguesa*, área que o professor dominou com maestria.

As atividades de resgate das publicações estão sendo realizadas no espaço físico do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (Cedap). O periódico está disponibilizado em formato microfilme. Os textos têm sido digitalizados e o acesso a eles estará disponível, futuramente, no *site* do Cedap, por meio de ficha catalográfica. Até o presente momento, fo-

ram contabilizadas 34 publicações, no período de 1963 a 1968. Após a elaboração da coletânea, uma triagem será feita para selecionar textos que poderão agregar valor ao ensino de Literatura no ensino médio, especificamente, na Escola Estadual “Prof. Ernani Rodrigues”. Pretende-se, igualmente, democratizar o acesso a essas publicações em nossa Unidade acadêmica.

O projeto propiciará a participação da comunidade universitária e da população externa, integrando o ensino e a pesquisa às demandas da sociedade: uma via de mão dupla que possibilitará o resgate da memória de um intelectual cuja obra merece atenção. Os textos do Prof. Fernando Manuel de Mendonça serão utilizados com sabedoria, no desenvolvimento da cidadania plena.

LETRAS PORTUGUESAS

## Cronistas de Lisboa

FERNANDO MENDONÇA

O instinto novelesco de Camilo

MANUEL DA FONSECA

FERNANDO MENDONÇA

II

FERNANDO MENDONÇA

DIÁLOGO À NOITE

FERNANDO MENDONÇA

# Gaia de Melos Caversan



Eu sou a Gaia, sou uma travesti que a todo momento se mantém ocupando os espaços. Permanecendo e existindo, não vim só cursar história na faculdade pública, vim fazer História. Colocar na historiografia as manas que foram apagadas dos livros. Comigo não tem a opção cospe, vai ter que engolir.

Ela já começou fazer história, ficou em 2º lugar no primeiro *Slam SUB VERSO* da cidade de Bauru-SP. O evento ocorreu em julho desse ano, organizado por coletivos da cidade.

## BRASIL, O PAÍS DA TRANSFOBIA

125 corpos  
125 copos em comemoração  
125 corpos em 2017  
125 até agora  
125 mortos sem perdão  
125 caixões lacrados  
Cento de vinho e corpos  
Sento triste e choro

O homem de saia, o falo biônico a prostituta intitulada corpo não botânico, mesmo assim arregaçada onde cabe o médico, o advogado, o padre, o professor e mecânico.

Eu grito, EU GRITO

Sempre gritei, no entanto você ouve gemidos, onde mesmo com esses 125 corpos temidos, nem se eu vomitar gritos você vai me escutar.

Ouvi que escolhi ser assim. É, sim, escolhi ser o centésimo vigésimo sexto corpo, você deve estar de palhaçada, minha vida não é vila Cesamo bb.

Se eu tiver que escolher vou optar por ser um BOYZINHO babaca como você, que geme no pau da trava, estupra a mina da quebrada e põe fogo no senado falando "Saúdo o coronel Ustra"

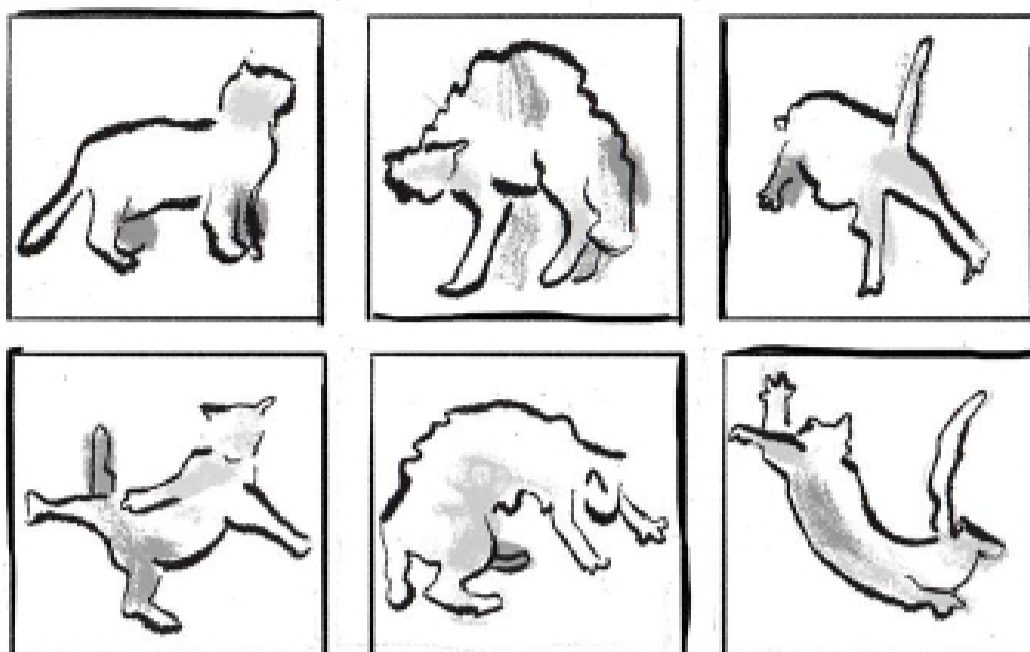
Boy lustra essa sua ideia incoerente, ilustra a sua mente com mais cores que preto e branco, porque enquanto você se mantém como demente o Brasil continua sendo o país que mais mata a minha gente.

Somos 3º país mais ignorante e isso bb, não é por conta das mana trans ou preta, essa questão é pelas falácias gritadas entre dentes pelos jovens facistas que de forma estridente tentam me fazer engolir diversos argumentos incoerentes.

E na real o seu pau, Bolsominion, no final do dia pode até me ser oferecido, já que como dizem por ai meu corpo dá pra se comprar, mas se prepara boy que seu pau eu arranco com meus dentes e ainda dou pra tu chupar.

# O CARTUNISTA

Bentinho



*Bentinho*

Olá! Eu sou o Bentinho (Lucas Bento).  
E desenho de tudo que é tamanho e  
jeito.

Durante um término amoroso e por  
passar uma fase bem conturbada a neces-  
sidade se desenhar apareceu. Então co-  
mecei à estudar animação 2D, pós isso fiz  
um curta animado com a canção 'Arrepió'  
da Marisa Monte e desde então não parei  
mais.

Essa atividade me apareceu como um  
alicerce pra aguentar as coisas difíceis que  
eu tava passando, o desenho atuou como  
minha terapia particular. Com o tempo  
acabei largando os estudos para prestar  
psicologia, curso que acabei passando aqui  
na FCL - UNESP Assis, mas prometi para  
mim mesmo que mesmo estudando psico-  
lofia não iria largar o desenho.

Durante o período da greve de 2016  
da FCL - UNESP Assis, resolvi abrir uma  
página no *facebook* chamada [Bentinho](#) e  
fazer alguns "cartuzinhos" das cenas famo-  
sas do cinema com meu traço. Deu muito  
certo e foi a primeira vez que apareci em  
alguns lugares e portais de notícia, com  
isso me dei a permissão de começar a "car-  
tunizar" se é que essa palavra existe. Agora  
tenho o compromisso de aparecer algumas  
vezes por aqui.

Então, vamos lá. Que a aventura co-  
mece e espero que gostem do trabalho que  
irei mostrar para vocês no decorrer das  
edições.

ESTADÃO  
BERRO